

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ALDEIA PRIMAVERA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS DA ETNIA
RIKBAK TSA

Autor: Edinei Vicente da Costa

Orientadora: Profa. Ms. Marina Silveira Lopes

JUÍNA/2010

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**ALDEIA PRIMAVERA: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS DA ETNIA
RIKBAK TSA**

Autor: Edinei Vicente da Costa

Orientadora: Profa. Ms. Marina Silveira Lopes

Trabalho apresentado como exigência parcial para a
obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

JUÍNA/2010

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

BANCA EXAMINADORA

Ms. Djalma Gonçalves Ramires

Ms. Denise Peralta Lemes

Ms. Marina Silveira Lopes

ORIENTADORA

AGRADECIMENTOS

O trabalho acadêmico é, por vezes, bastante solitário. Entretanto, no percurso das pesquisas, muitas foram às pessoas que passaram por este caminho e deram suas significativas contribuições. A elas, agora, presto minha homenagem e agradecimento.

Agradeço a professora e orientadora Marina Silveira Lopes, pela recepção e imensamente pela amizade, dedicação e orientação inenarrável.

A professora, Denise Peralta Lemes pelos conhecimentos gentilmente ofertados. Ao professor Djalma Gonçalves Ramires meu muito, muito obrigado pela generosidade e disposição ilimitadas. Ao meu amigo Josemir Paiva Rocha, com o qual muito pude aprender e obter elementos para esta monografia.

Rinaldo S. V. Arruda, obrigado pelo contato e o material cedido no início da pesquisa, de onde obtive muito conhecimento.

Por último, deixo meu agradecimento aos colegas de sala e aos Rikbaktsa da aldeia Primavera (que não me conhecem, mas a quem me dediquei estes últimos meses), ao Paulo Henrique Skirip Rikbaktsa e o Cacique Nilo que tanto contribuíram na elaboração desse trabalho e merecem muito mais do quê uma pequena frase.

DEDICATÓRIA

Ao meu irmão Cesar Vicente da Costa, um homem que tem uma filosofia de vida própria, ao meu filho Thyeehy Gustavo e minha mãe Maria Dolores Nistron; Tudo o que sou devo a minha mãe e retribuo todo o meu sucesso nesta vida, ao ensino moral, intelectual e físico que recebi dela.

A meus irmãos: Sidinei Vicente da Costa, incentivador do pensamento filosófico e Valdinei Vicente da Costa, meus verdadeiros mestres, que sentiram muito a minha falta, quando da elaboração desta monografia e dos diversos trabalhos durante os três anos do curso.

EPÍGRAFE

“Encontrar a harmonia entre o velho e o novo, a tradição e a contemporaneidade é o desafio aos Rikbaktsa e a sua capacidade de encontrar alegria e beleza na vida”.

(FUNAI, 2006, p.15)

RESUMO

A Aldeia Primavera do povo Rikbaktsa, além de privilegiada pela paisagem exuberante está localizada geograficamente a margem direita do rio Juruena, no noroeste do Mato Grosso. A cultura do não-índio influenciou na vida, nos rituais, nas práticas agrícolas e nos métodos utilizados para o plantio e para colheita, que são transmitidas de geração a geração por meio da oralidade. Os roçados são distantes das moradias, porém estão relacionados aos rituais agrícolas e as atividades importantes para a comunidade. Pela pesquisa *in loco* foi possível perceber e confrontar os dados coletados no referencial bibliográfico com a ocorrência na contemporaneidade. Foi feito um questionário e respondido pelo líder da comunidade. A observação direta extensiva possibilitou entender as buscas desse povo em manter as práticas agrícolas e os rituais com todas as danças que revelam para eles mais que a sobrevivência, algo que é parte da trama secreta que une o modo de ser Rikbaktsa à natureza. A pesquisa de campo possibilitou ainda uma visão mais abrangente dos modos de produção e menos limitada da realidade vivida atualmente, observamos que os rituais e as práticas agrícolas estão sendo repassadas oralmente para as novas gerações da comunidade, principalmente na reutilização dos antigos roçados, mantendo assim o espaço antropológico equilibrado. O processo de reafirmação cultural mantém fortemente seus laços étnicos culturais assim como a preservação dos hábitos agrícolas tradicionais.

PALAVRAS CHAVE: Rikbaktsa, Ritual, Roçado, Práticas agrícolas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 AGRICULTURA TRADICIONAL: A MANUTENÇÃO DA EXISTÊNCIA RIKBAK TSA.....	12
2.2. Cosmologia Rikbaktsa.....	13
2.3. Os Rikbaktsa: a história de um povo.....	14
2.4. Agricultura do povo Rikbaktsa e organização espacial.....	17
3. METODOLOGIA.....	21
3.1. Saída de campo.....	21
4. RESULTADO E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS.....	22
4.1. ALDEIA PRIMAVERA E AGRICULTURA: AS CONTRADIÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE.....	22
4.2. Ritual para a derrubada.....	29
5. CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXOS:.....	35

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Mapa da Localização das Três TI (terras indígenas do povo Rikbaktsa).	10
FIGURA 02: Mapa da Localização geográfica da aldeia Primavera.....	23
FIGURA 03: Roça da aldeia primavera após a queimada e o plantio.....	24
FIGURA 04: Árvore cortada com auxílio de um machado de metal.....	25
FIGURA 05: Roça abandonada e ainda produzindo.....	26
FIGURA 06: Cova de cará.....	26
FIGURA 07: Ramas de mandiocas plantadas.....	35
FIGURA 08: Vista da localização geográfica das casas em relação à roça.....	28
FIGURA 09: Os Rikbaktsa na Aldeia Primavera com trajes e flautas para Ritual.....	31

LISTA DE TABELA

TABELA 01: A dimensão dos clãs (Makwaratsa) e (Hazobiktisa).....	15
--	----

INTRODUÇÃO

Os Rikbaktsa localizam-se na bacia do rio Juruena, no noroeste do Mato Grosso, em duas Terras Indígenas (TI) contíguas – a do Erikpatsa, a Japuira e uma terceira, a TI do Escondido, mais ao norte, na margem esquerda do rio Juruena conforme a Figura 1. Seu território tradicional situava-se entre o paralelo 9° latitude S e o meridiano 57° longitude W, se estendendo pela bacia do rio Juruena, desde a barra do rio Papagaio, ao sul, até quase o Salto Augusto no alto Tapajós, ao norte; a oeste expandia-se em direção ao rio Aripuanã e a leste até o rio Arinos, na altura do rio dos Peixes. Ver Figura 1.



FIGURA 1: Mapa da localização das Três TI (terras indígenas do povo Rikbaktsa).
Fonte: Disponível em: WWW.SOCIOAMBIENTAL.COM

Embora isolada, a região já havia sido atravessada por expedições científicas, comerciais e estratégicas desde o século XVII. Entretanto, pouco se conhecia das matas ocupadas pelos Rikbaktsa já que, naqueles trechos do Rio Juruena e Arinos, as expedições mantinham-se sempre no leito do Rio ou na sua proximidade, aventurando-se muito pouco pelo meio da mata. Deste modo até a penetração dos seringueiros no final da década de 1940, nenhuma menção havia sobre os Rikbaktsa (ARRUDA, 2006).

Mesmo com a ausência de dados históricos que confirmam a data de ocupação por esses povos, o que sabemos é que a atividade agrícola é de suma importância, pois, suas festas e rituais sagrados giravam em torno dela e praticamente ditavam o modo de vida adotado por eles.

Contudo o processo sincrético ocorrido com a etnia Rikbaktsa, desde a entrada dos jesuítas na Amazônia, levou a uma ruptura de certas práticas tradicionais transmitidas oralmente de geração a geração. Na contemporaneidade as mudanças continuam ininterruptas. A eles foram impostos novos arranjos espaços-sociais que interferiram em suas práticas agrícolas uma vez que muitas tecnologias foram inseridas nesse campo.

Seus rituais foram alterados desde a sementeira, passando pelos tratamentos agrícolas à colheita. Isso interferiu no sagrado e no profano de tais rituais.

Ao identificar o quanto a cultura não-índia interferiu nessas práticas, notam que as transmissões deles perdem diariamente, que era passada por meio dos atos e da oralidade.

Ao vislumbrar tal situação, pretendeu-se estabelecer uma relação entre os roçados e as moradias. Identificar as práticas agrícolas, os métodos utilizados para o plantio e para colheita. Analisando os aspectos quanto aos rituais realizados em relação à agricultura e destacar a importância da roça em relação às atividades econômicas da comunidade.

Para tal estudo foi organizado de forma que no tópico II, enfocamos a agricultura tradicional e a manutenção da existência Rikbaktsa. No tópico III, os materiais e métodos utilizados para a coleta de dados do trabalho, no tópico IIII, trabalhou a Aldeia Primavera, assim como a agricultura e os rituais a eles associados e por fim a conclusão.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. AGRICULTURA TRADICIONAL: A MANUTENÇÃO DA EXISTÊNCIA RIKBAKTSÁ

A análise de OLIVEIRA (2010), define que depois do final da Era do Gelo, cerca de 12.000 anos atrás, o *Homo sapiens*, devido à capacidade de criar ferramentas, deu um passo fundamental que permitiu o surgimento da agricultura e das grandes civilizações, posteriormente.

Para FARALDO (1999), a agricultura tradicional é um termo utilizado na literatura para designar o sistema agrícola dos períodos coloniais onde utilizavam essas técnicas. Mantida pelas populações indígenas remanescentes e populações que assimilaram a técnica transmitida de geração a geração. Essas técnicas são utilizadas com adaptações devido ao ecossistema das regiões onde são praticadas.

Com a descoberta de algumas culturas como o trigo, o arroz e o milho, o homem primitivo deixou de perambular de um lugar para outros em busca de alimentos, pois essas plantas se tornaram excelentes fontes de nutrientes, assim como o alimento alguns animais também foram domesticados como porcos, cabras e ovelhas (ALTIERI, 1998).

OLIVEIRA (2010), relata que no início da agricultura ocorreu algo muito importante que foi a divisão de trabalho entre a sociedade, assim conseguiram produzir com mais intensidade entre os membros dessas pequenas comunidades de uma forma capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as futuras gerações. A produtividade agrícola aumentou com a especialização do trabalho, onde havia a interação de todos, pois uns irrigavam o solo, outros cuidavam da semeadura, outros do controle das pragas e outros da colheita e da distribuição e transportes dos alimentos. Com o suprimento garantido de alimentos, começou a surgir às grandes cidades do passado.

O conhecimento tradicional associado à planta domesticada e selecionada pelas comunidades locais se expressa na própria existência do objeto biológico, a planta. Sem o saber agrônomo das comunidades locais, suas técnicas e experimentos de seleção e conservação, esses objetos não existiriam, querem se trate de plantas alimentares, medicinais, ornamentais e outras categorias de uso. A diversidade agrícola é, por si, expressão e materialização de saberes tradicionais (SANTILLI, 2001, p.1).

A alta diversidade, por responder a uma demanda variada em produtos agrícolas, permitiu um melhor aproveitamento da diversidade de habitats que auxilia

o entendimento da distribuição das espécies, das condições ecológicas, resistirem a pragas e doenças. E esse processo é um elemento importante para a segurança alimentar dos povos tradicionais, também de estabilidade de seus sistemas agrícolas (SANTILLI, 2001).

MARQUES (2009), relata que a produção agrícola e a relação com a natureza têm pelas populações tradicionais suas próprias técnicas. Pois os métodos tradicionais de produção geralmente estão organizados para resistir a estresses ambientais e restrições de mão-de-obra, aproveitando o potencial da consorciação que visa um melhor aproveitamento do solo, as quais lançam mão de métodos diferenciados em razão das características e disponibilidade de recursos.

De acordo com SANTILLI (2001, p.110), a “diversidade genética, manejada por agricultores tradicionais, indígenas ou não indígenas, é fruto de um longo e diversificado processo iniciado com a domesticação de um recurso silvestre”.

Os Rikbaktsa utilizam meios de consorciação de espécies de plantas evitando diversos tipos de pragas sem que aja uma precisão de produtos químicos, mantendo estabilidade com os produtos agrícolas (ARRUDA, 2006).

2.2. COSMOLOGIA¹ RIKBAKTSA

Os rituais, as práticas agrícolas dos Rikbaktsa passam por uma visão cosmológica própria. Na cosmologia e em suas práticas diárias os Rikbaktsa incluem diversos animais, seres vivos, vegetais, seres metafísicos² e mortos (almas/espíritos), todos inseridos num contexto de relações onde os próprios Rikbaktsa estabelecem laços sociais, trocas, intercâmbios e vingança, assim, em relação ao conjunto das sociedades humanas, uma pessoa Rikbaktsa é antes de tudo o representante de uma espécie de gente (PIRES, 2009).

Desse modo de transformações onde alguns seres tenham formas de animais, o universo Rikbaktsa apresenta a possibilidade de interação ente os seres,

¹ **COSMOLOGIA:** Para muitas sociedades indígenas, o cosmos está ordenado em diversas camadas, onde se encontram divindades, fenômenos atmosféricos e geográficos, animais e plantas, montanhas, rios, espíritos de pessoas e animais, ancestrais humanos, entes sobrenaturais benévolos e malévolos (RAMOS, 1986, p.1).

² **METAFÍSICOS:** tenta esclarecer as noções de como as pessoas entende o mundo, incluindo a existência e a natureza do relacionamento entre objetos e suas propriedades, espaço, tempo, causalidade, e possibilidade (DUARTE, 2010, p.3).

e nesse universo os animais, os seres metafísicos e os humanos passam por caminhos parecidos, pois podem transformar-se numa coisa ou em outra. É um diferencial, representando uma franca arena de relações e embates com mortos e outros seres metafísicos, como também com artefatos e componentes diversos do ambiente Rikbaktsa que estabelecem com os corpos algum tipo de associação (ATHILA, 2006).

Para ARRUDA (2003), a origem ou procedência do povo Rikbaktsa, foi passada oralmente pelos seus antepassados que eles vieram de um lugar onde existiam lagos imensos e a terra jorrava fogo.

ARRUDA (2003), relata que os Rikbaktsa vieram pelo cerrado descendo o rio Papagaio, onde encontraram o rio Juruena e desceram pela margem do rio Juruena onde permanecem até os dias atuais.

2.3. OS RIKBAKTSAS: A HISTÓRIA DE UM POVO

ARRUDA (2006), afirma que tradicionalmente os Rikbaktsa habitam a bacia do rio Juruena no noroeste do Estado de Mato Grosso. Estima-se que nesta região habitavam cerca de 1.200 pessoas. Suas aldeias organizavam-se em uma ou duas grandes casas que abrigavam várias famílias de uma mesma árvore genealógica (pai, mãe, filhos e filhas solteiras, filhas casadas com suas famílias) uma casa que abrigava os homens viúvos e jovens adultos solteiros.

Socialmente os Rikbaktsa dividem os seres do universo em duas séries opostas e complementares. A sociedade Rikbaktsa é dividida e organizada em um sistema de parentesco com alguns seres da natureza, fornecendo os princípios classificatórios dessa organização que é relacionada de uma maneira bem abrangente. Essa divisão Rikbaktsa é feita em metades exogâmicas, ou seja, união de membros de diferentes grupos étnico-raciais, uma associada à arara amarela (Makwaratsa) e outra à arara cabeçuda - um tipo de arara vermelha - (Hazobiktisa), cada uma subdividida em vários clãs, associados a animais e vegetais (ARRUDA, 2006).

Às metades e seus respectivos clãs que é o grupo de linhagem de um antepassado comum, já falecido, mas lembrado pelos membros vivos, estão associados a certos motivos gráficos no qual cada indivíduo se reconhece enquanto

pessoa e sujeito social. As pinturas não são usadas no dia-a-dia, aparecendo apenas durante o tempo de cerimônias ritualistas, quando cada um é pintado, corpo e rosto, por alguém do seu próprio clã, sobretudo por um irmão. Vide anexo II.

Essa divisão na sociedade Rikbaktsa é feita de acordo com a Tabela 1:

Tabela 1: A Dimensão dos clãs

METADES (Grupos Sociais)	
Makwaraktsa (arara amarela)	Hazobiktsa (arara cabeçuda)
Tsikbaktsa (arara vermelha)	Umahatsaktsa (figueira)
Bitsitsiyktsa (fruta silvestre)	Tsuãratsa (macuquinho)
Mubaiknytsitsa (macaco aranha, quati)	Tsawaratsa (inajá)
Zoktsa ("pau torcido", um tipo de árvore)	Bitsiktsa (tucano)
Zuruktsa (animal feroz, mítico, aparentado à onça que hoje não existe mais)	Buroktsa (árvore, "pau leiteiro")
Wohorektsa (certa árvore)	Zerohopyrytsa (jenipapo)

Fonte: Disponível em: PORTAL. MJ. GOV. BR - Acesso em: 24 maio, 2010.

GERA (2004, p.20), coloca que essas metades vêm a ser “uma nominalmente relacionada à arara-amarela (makwaraktsa) e a outra associada à arara-cabeçuda (hazobiktsa) e cada grupo está dividido em clãs (seis clãs cada uma)”. Os casamentos entre os Rikbaktsa são realizados de forma que a noiva e o noivo sejam de clãs diferentes um do outro.

Os Rikbaktsa opuseram resistência, mantendo distância dos seringueiros no ano de 1956 a 1962. Com resistência armada, num modo de proteger suas matas. Após 1956 a MIA “(Missão Anchieta)³” empreendeu um processo de pacificação com os povos Rikbaktsa mudando suas crenças e costumes num período de seis anos. Durante as guerras contras os seringalistas, uma epidemia de gripe, sarampo e varíola, fez com que diminuísse bastante a população Rikbaktsa. Cerca de 50% da população morreu por doenças, o que facilitou a pacificação pelos jesuítas e

³ MIA: Missão Anchieta era formada pela igreja cristã e os jesuítas: atuação da Missão Anchieta marcou-se por atitudes sistemáticas de cuja avaliação nos conduziria a uma provável desarticulação cultural e política. (ARRUDA, 2006, p.32).

missionários, junto a eles e outros brancos as doenças expandiram formando uma espécie de círculo vicioso (PACINI, 1999).

Conforme ARRUDA (2006), a diminuição da população foi de 75% na época do contato até 1969, recuperando-se em parte da década de 1970 em diante.

A intermediação protecionista da Missão Anchieta (MIA), apesar de produzir intensa pressão aculturativa sobre o povo Rikbaktsa, foi o que ao mesmo tempo propiciou as condições mínimas para que se recuperassem fisicamente após a mortandade pós-contato (ARRUDA, 2006, p.169).

Os Rikbaktsa perderam grandes extensões de terras e a maior parte das crianças pequenas foi levada das aldeias, e educada no Internato Jesuítico de Utiariti⁴, situado no rio Papagaio, que fica a quase 200 km de sua área, foram juntamente com inúmeras outras crianças de etnias indígenas diferenciadas de sua cultura Rikbaktsa, também contatados pelos missionários. Já os adultos remanescentes foram transferidos de suas aldeias originais para aldeias maiores e mais centralizadas pela direção catequizadora dos jesuítas. No ano de 1968 tiveram demarcação na faixa de 10% de seu território original. Onde a agricultura tornou-se um recurso prioritário para a sobrevivência, com grande incentivo dos missionários católicos (PACINI, 1999).

Com o crescimento positivo da população, os Rikbaktsa contam com 1.500 pessoas distribuídas em 35 aldeias isso em duas terras contíguas que são a TI Erikpatsa, demarcada em 1968 (com 79.935 ha, homologada e registrada) e a TI Japuira, demarcada em 1986 (com 152.509 ha, homologada e registrada) já em uma terra descontínua temos a TI do Escondido, demarcada em 1998 (com 168.938 ha, homologada). Totalizando em 401.382 hectares de mata amazônica, com preservação de quase 100% de suas terras (GERA, 2004).

Cada clã tem um estoque fixo de nomes estabelecidos num passado imemorial, usados por todas as gerações mortas e portados continuamente pelas gerações vivas. Há os nomes de criança e os nomes de adultos. Um homem recebe ao longo de sua vida três ou quatro nomes, deixando livre o anterior para ser usado por outra pessoa (ARRUDA, 2006, p.225).

A vida social Rikbaktsa é marcada pela sazonalidade. De maio a outubro caracterizam a estação seca, com um período prolongado sem chuva que é a

⁴ **UTIARITI:** Edificações, levantadas com mão de obra indígena, internato que os padres e as freiras catequizavam a vida de cerca de 300 índios, na maior parte crianças de várias tribos por eles "pacificadas" (ARRUDA, 2006, p. 26).

estação do verão, onde alguns homens saem das aldeias na busca de meio de vida por um longo período, alguns desses meios são as plumas e haste para produção de flechas, ficando nas aldeias apenas as crianças, algumas mulheres, idosos e os doentes. A outra estação é a das chuvas em outubro mês no qual se começa as plantações de alguns alimentos como milho e período no qual se colhe vários outros como a banana, o cará e a abóbora (ARRUDA, 1999).

Os Rikbaktsa embora estejam dispersos em várias aldeias, preservam um maravilhoso, silencioso e tranqüilo ambiente e tem uma forte coesão política com as sociedades externas. É nesse contexto que a Associação Rikbaktsa (ASIRIK)⁵ é depositária da representação do povo como um todo, valorizada e referenciada como o instrumento por excelência da interlocução entre seus interesses e aqueles da sociedade nacional (GERA/UFMT, 2004).

Há um grande investimento da sociedade Rikbaktsa na educação escolar de seus membros, principalmente das suas crianças. Há cerca de 20 escolas espalhadas pelas aldeias, guiadas por professores indígenas, vários deles diplomados em cursos realizados fora das aldeias, em projetos de formação de professores desenvolvidos pelo governo do Estado do Mato Grosso na última década (ARRUDA, 2006).

Estas características sociais dos Rikbaktsa, possivelmente, justificam a interdependência entre eles em relação às decisões que envolvem a comunidade como um todo. As decisões só são acatadas em caso de unanimidade (por isso, a venda de madeira é rejeitada pelos Rikbaktsa (SOUZA, 2008, p.6-7).

2.4. AGRICULTURA DOS POVOS RIKBAKTSAS E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

ARRUDA (2006), afirma que os povos Rikbaktsa têm mais hábitos de caça e coleta do que agrícola, embora a agricultura seja de suma importância aos mesmos, onde as festas rituais a ela associadas, tem um papel central tanto no ritmo como na organização da vida social.

⁵ **ASIRIK:** associação Indígena Rikbaktsa (ASIRIK, fundada em 1995), com assessoria técnica do Instituto de Estudos Ambientais (IPA) e do Instituto de Apoio ao Desenvolvimento Humano e do Meio Ambiente (TRÓPICOS), em parceria com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a Coordenadoria de Assuntos Indígenas do Mato Grosso (CAIEMT), o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis (IBAMA) e a Prefeitura do Município de Juína - MT, financiado pelo Programa de Apoio Direto às Iniciativas Comunitárias (PADIC) do PRODEAGRO e do Programa de Gestão Ambiental Integrada - PGAI/PPG7 (ARRUDA, 1992, p.6).

Os rituais do povo Rikbaktsa acompanham os indivíduos nos diferentes períodos que marcam todos os momentos de sua vida e sua relação com os demais membros de sua comunidade, assim como a relação do seu universo natural com suas divindades. Eles realizam esses rituais através de suas festas.

Os rituais indígenas constituem momentos importantes que marcam a socialização de um indivíduo ou a passagem de um grupo de uma situação para outra. Marcando assim momentos constituintes da identidade dos indivíduos nas diferentes fases da vida, incluindo a passagem para o mundo dos mortos. Manifestam as relações entre dois mundos o social e o cósmico, entre o universo natural e sobrenatural (MELATTI, 1980, p.13).

A agricultura, por sua vez, fornece o ritmo da vida social Rikbaktsa e as roças são do grupo doméstico, constituído pelo dono da maloca "(casa indígena)", o grupo é composto por sua esposa, filhos solteiros, filhas solteiras e casadas, genros e netos. Os homens casados mora com o sogro, ao se separar da maloca constrói outra para morar com a esposa e filhos fazendo assim uma nova roça. Os chefes de família de quase todas as aldeias podem fazer suas derrubadas com auxílio de moradores, parentes de sua aldeia e de aldeamentos vizinhos sediando e organizando ao mesmo tempo a realização de um ciclo ritual de festas que acompanha as atividades agrícolas anuais.

Na análise de FANTINI (2007), o sistema de cultivo utilizado por pequenos agricultores, chamado de roça-de-toco ou coivara, é uma tradição milenar da maioria das populações indígenas, às vezes sendo utilizadas também por populações remanescentes de processos de colonização.

Para ARRUDA (2006), as mulheres podem ajudar na derrubada, para fazer a primeira limpeza das roças, cortando as árvores menores e arbustos, já as árvores maiores são os homens que se encarregam de derrubar, pois exigem um esforço maior, dependendo se o tamanho da roça for muito grande, utilizam motosserra. Antes da adoção dos machados de metal, grandes árvores eram derrubadas com o auxílio do fogo. Num buraco aberto na base do tronco, se fazia uma pequena fogueira, alimentada de tempos em tempos aonde o fogo ia consumindo o cerne da árvore até que ela tombasse por seu próprio peso.

O roçado é uma das formas de organizar o calendário do ritual além de estabelecer a rotina de trabalho de parte da população. Os seringueiros relatavam que os Rikbaktsa faziam anualmente novos roçados e assim mudando suas moradias

sempre após o inverno. Em maio, no início da seca, quase todos os índios iniciam uma jornada de cerca de três meses cuja finalidade principal é colher hastes para flechas. A derrubada é queimada após a volta dos índios (SCHULTZ, 1964).

Conforme ARRUDA (2006), com contato dos Rikbaktsa e o não índio vieram acontecendo mudanças com relação às tradições em todo seu território, principalmente os mais jovens, que antes do contato praticavam nos rituais de ciclo que acompanha a abertura da roça, como a perfuração de orelha e do nariz para os meninos, tatuagens no rosto para as moças e no peito para os rapazes, no ritual de passagem para a idade adulta, seguidos por uma reclusão cerimonial que podia durar mais de um mês, durante o qual não podiam tomar sol, nem serem vistos por ninguém que fosse parente muito próximo.

A produção agrícola dos Rikbaktsa é para consumo familiar e a produção agrícola para o mercado nunca foi seu objetivo, pois muitas vezes foi incentivado pelo não índio, mas mostrou-se inviável. Porque os próprios índios não querem viver como agricultores, abandonando suas práticas múltiplas, variadas e alternadas que fazem a graça e o prazer de sua vida cotidiana.

Referente à organização espacial de representação refere-se a uma instância da experiência da espacialidade originária na contextualização do sujeito. Os Rikbaktsa não possuem uma regularidade, pois antes da demarcação das terras indígenas, os aldeamentos mudavam de lugar com frequência e com a territorialização a tendência foi a de ficarem em aldeias fixas e maiores (ARRUDA, 1992).

Esse espaço é identificado por MAUSS (2001), onde os nativos vivem, celebram sua existência, residem, trabalham, guardam as suas fronteiras. Esse é o lugar antropológico, por ser escolhido pelos ancestrais, é o lugar dos descendentes, um lugar a ser defendido. As regras de residência são como uma inscrição no solo que compõe a identidade individual. Referências compartilhadas que designam fronteiras marcam a relação com seus próximos. Esse lugar para aqueles que observam apenas é um lugar como outro.

Para MAUSS (2001), a organização espacial e as referências de uma tribo são compreendidas conforme a estrutura do espaço, sendo então facilmente localizados ao se chegar a uma aldeia, pois as referências de partida e de chegada são iguais e as fratrias (grupo de clã cujo antepassado comum pode ser até um mito, e por intermédio

deste fato todos se consideram parentes), e os clãs são claramente identificados uns com relação aos outros.

De acordo com ELIADE (2001), apud LOPES (2008), dentro dessa organização espacial devemos considerar o espaço sagrado com um significado absoluto, particular e definitivo à vida, e o profano é tudo aquilo que não tem um significado particular a vida, ou seja, que é totalmente inverso ao espaço sagrado. O sagrado e o profano são gêneros distintos, como dois mundos que não têm nada em comum. Nesse sentido, considera-se sagrado tudo aquilo que está ligado à religião, magia, mitos, crenças, o sagrado é aquele que dá origem aos caos, o *próprio axis mundi*, ou seja, o eixo do mundo.

3. MATERIAL E MÉTODO

Conhecer a agricultura tradicional e os rituais do povo Rikbaktsa é de suma importância para entender as mudanças ocorridas a partir do sincretismo.

A fase inicial se deu pelo levantamento bibliográfico. Para o trabalho em questão foi utilizado levantamento bibliográfico sobre os povos Rikbaktsa, especialmente sobre a agricultura e os rituais agrícolas. Para pesquisa de campo foi escolhida a Aldeia Primavera, localizado na bacia do rio Juruena, no noroeste do Estado de Mato Grosso. A localização da Aldeia foi feita por meio de mapas e imagens de satélite.

Elaboramos dois ofícios de autorização para o trabalho em campo, sendo um deles para o cacique Nilo Rikbaktsa (anexo III) e o outro ao presidente da ASIRIK (associação dos índios Rikbaktsa) Paulo Henrique Skirip Rikbaktsa (anexo IV), que nos permitiram a visita na aldeia.

Foi proposto ao Cacique Nilo responder um questionário semi-aberto (anexo I), contendo nove (9) perguntas pertinentes ao desenvolvimento da agricultura e os rituais praticados pelo seu povo. Finalizamos o trabalho realizando a análise do questionário que foi respondido pelo cacique e fazendo o confronto com os dados obtidos na pesquisa bibliográfica.

3.1. SAÍDA DE CAMPO

Após a realização da pesquisa bibliográfica fizemos três visitas *in loco* na Aldeia Primavera. Utilizamos um carro como meio de transporte terrestre até o distrito de Fontanillas e utilizamos como via fluvial um barco para atravessar o Rio Juruena para chegar até a aldeia. Fomos recebidos pelo cacique Nilo que gentilmente se dispôs a nos acompanhar no reconhecimento da área de pesquisa.

Utilizamos máquina fotográfica para registrar o ambiente de pesquisa, um caderno de campo para o registro das atividades agrícolas.

4. RESULTADO E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

4.1. ALDEIA PRIMAVERA E AGRICULTURA: AS CONTRADIÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

A Aldeia Primavera esta localizada a margem direita do rio Juruena no distrito de Fontanillas conforme a figura 2. Sua localização estabelece uma maior facilidade de comunicação com a sociedade externa e auxilia na vigilância de suas terras. De três em três anos ocorre uma votação para eleger de forma democrática o novo cacique que é responsável pela comunidade.

A floresta que recobre seu território é um ambiente de muita fartura, representada por suas inúmeras espécies vegetais e animais, muitas das quais fazem usos variados (artesanal, artístico, medicinal, alimentar, simbólico) e de solos propícios para a feitura de suas roças e caracterizado pelo clima equatorial úmido, com um período do ano de seca e outro chuvoso.

A organização espacial de representação das casas na Aldeia Primavera não tem uma característica específica, são construídas no complexo geográfico da aldeia e não há uma forma definida, como entre outros povos do mesmo tronco lingüístico, as referências tomadas pelo povo Rikbaktsa vem no modo de agir, suas relações e o estilo dos movimentos, estabelecendo afinidades e oposições com base nos complexos emocionais e afetivos desenvolvidos em relação a eles. Diferenciando assim da colocação de MAUSS (2001), afirmando que as fratrias e os clãs são facilmente reconhecidos ao se adentrar em uma aldeia.

Dentro dessa organização espacial devemos considerar os espaços que os Rikbaktsa consideram sagrado, de modo a dar conta da força de unificação presente no ser humano e na sociedade, assim como lugar antropológico, onde são praticados a agricultura e os rituais celebrados com danças, cantos, músicas com flautas, bebidas e muita comida.

Com o acultramento que marca sua história pós-contato, houve um processo de reordenação sociocultural, no qual os Rikbaktsa procuram se orientar na busca de encaixar as mudanças criadas pelo contato com suas formas tradicionais de vida social, das quais mantém seus princípios de organização, grande parte de suas práticas agrícolas e os rituais, de seu conhecimento da

natureza, dos usos medicinais das plantas em fim o conjunto de todos os bens culturais.

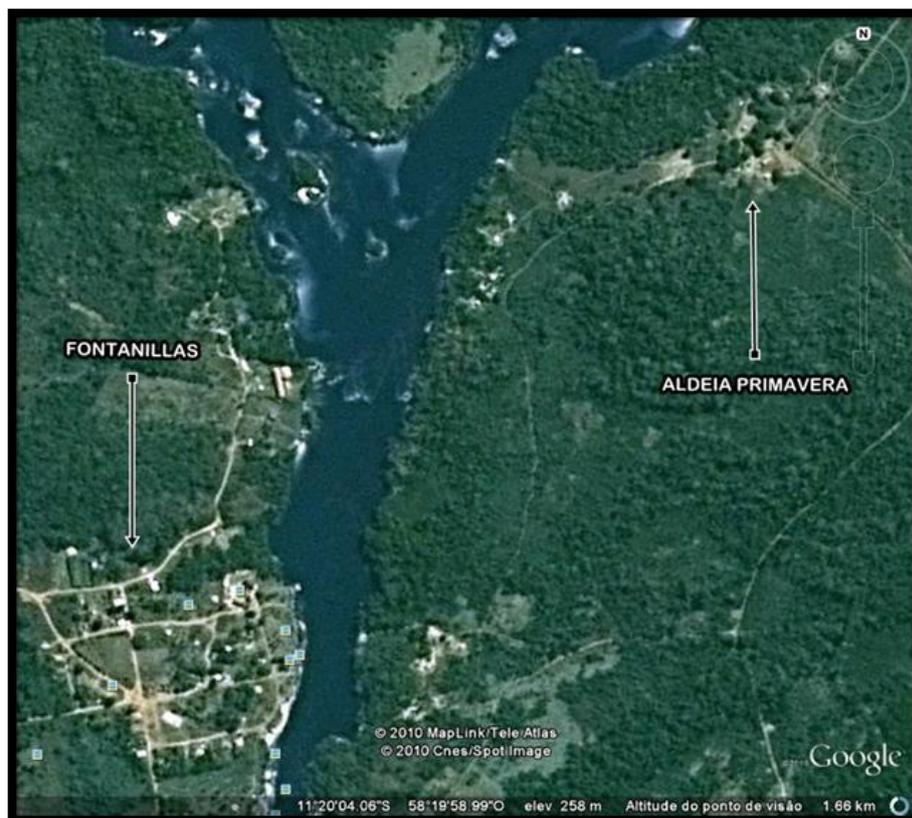


Figura 02: Localização da aldeia Primavera: 11°19'48.83\"S 58°19'41.39\" O
Fonte: Google Earth - Acesso em 03. jun. 2010.

A agricultura na Aldeia Primavera é praticada sem a utilização de agrotóxico, utilizando meios que foram sendo transmitidas por seus antepassados, todos os processos, desde o plantio até a colheita, com uma produção de alimento voltada totalmente para o consumo das próprias famílias e não para fins comerciais.

A necessidade de alimentação levou o ser humano a explorar a natureza e buscar as melhores maneiras de usar outros seres vivos como fonte de alimento, como a agricultura. A aplicação de práticas agrícolas tradicionais permite realizar essa atividade deteriorando o meio ambiente com impactos bem menores pela proporção de área agricultável, pois a substituições dos insumos agrícolas são feitas pelas cinzas das árvores queimadas, como mostra a figura 3.



Figura 3: Roça da Aldeia Primavera após a queimada e o plantio
Fonte: COSTA, E. V (2010)

Durante a derrubada as mulheres participam ajudando os homens no trabalho, elas fazem a primeira limpeza das roças e cortam alguns arbustos, fazendo também alguns serviços mais leves, já as árvores maiores são os homens que derrubam uma a uma utilizando machado de metal em algumas roças grandes se faz o uso do motosserra.

Na Aldeia Primavera além do machado de metal outras ferramentas foram inseridas nas práticas agrícolas Rikbaktsa após o contato com o não-índio, entre as ferramentas se tem a matraca utilizada no plantio do arroz e para e a colheita fazem com o auxílio do cutelo, também utilizam enxadas para capinar, uma carriola para transportar os alimentos, foice e facão são bastante utilizadas. Essas ferramentas diminuiram substancialmente o tempo dedicado à roça por facilitar o trabalho. Conforme se observa na figura 4 que mostra o corte na árvore.



Figura 4: Árvore cortada com auxílio de um machado de metal
Fonte: COSTA, E. V (2010)

A derrubada da mata para a feitura das roças é realizada no período, entre maio e junho, depois é feita a queimada das vegetações para plantar os produtos agrícolas até o início de outubro, época de chuva.

As roças da Aldeia Primavera são feitas com uma variação de espécies consorciadas conforme suas compatibilidades, de dois a três anos fazem abertura de novas roças, abandonando a anterior. Nesse período a floresta se reconstitui naturalmente e essas roças abandonadas continuam produzindo alguns alimentos como os tubérculos e bananas por longos anos de acordo com a figura 5.

As vantagens da rotação de culturas são inúmeras. Além de proporcionar a produção diversificada de alimentos e outros produtos agrícolas, se adotada e conduzida de modo adequado e por um período suficientemente longo, essa prática melhora as características físicas, químicas e biológicas do solo; auxiliam no controle de plantas daninhas, doenças e pragas; repõe matéria orgânica e protege o solo da ação dos agentes climáticos e ajuda a viabilização do sistema de semeadura direta e dos seus efeitos benéficos sobre a produção agropecuária e sobre o ambiente como um todo (EMBRAPA, 2004).



Figura 5: Roça abandonada e ainda produzindo
Fonte: COSTA, E. V (2010)

As antigas roças estão sendo reaproveitadas para novos plantios. O cará é uma das plantas utilizadas, se faz uma cova bem larga e funda colocando duas mudas em cada cova. A figura 6 mostra o diâmetro dessas covas, já a mandioca é plantada em uma cova mais rasa utilizando duas ramas por cova conforme Figura 7, aproveitando o espaço já derrubado deixando de fazer novas derrubadas que venham modificar o habitat em torno da aldeia.



Figura 6: Cova de cará
Fonte: COSTA, E. V (2010)



Figura 7: Ramas de mandiocas plantadas
Fonte: ROCHA, J. P (2010)

Na Aldeia Primavera é feita toda uma observação dos ciclos da natureza para iniciar o plantio que varia de acordo com cada espécie de alimento, algumas espécies como o inhame, o cará, a mandioca, a banana, o abacaxi, a cana de açúcar e a abóbora, são plantados em todas as estações do ano, já o milho, arroz e o feijão são plantados nos meses de setembro e outubro cujos rituais são realizados no período das primeiras precipitações que ocorrem nesses meses.

As práticas agrícolas e os rituais relacionados à agricultura são transmitidos aos mais jovens predominantemente de forma oral, sendo acompanhados passo a passo para que essa nova geração prossiga transmitindo e mantendo um forte laço sócio-cultural com o seu povo. Embora alguns deles saiam para estudar na cidade de Juína e acabam não participando dessas práticas e dos rituais. Os rituais são planejados com antecedência, envolvendo grande quantidade de alimentos, confecção de artefatos e convites para parentes.

A distância das roças em relação à aldeia não tem uma característica específica, pois são feitas em um local acessível escolhido pela comunidade indígena, algumas se localizam a 300 metros da aldeia como mostra a figura 8 e outras com uma distância bem maior.



Figura 8: Vista da localização geográfica das casas em relação à roça
Fonte: COSTA, E. V (2010)

Esses rituais que os Rikbaktsa da aldeia primavera praticam acompanham os ciclos agrícolas, são momentos que celebram tanto para o plantio como para a colheita onde pintam o rosto com semente de urucum que é conhecido popularmente como semente de colorau, usam cocares de pena e tocam flautas de bambu, são assim os rituais, cantam, dançam, comem vários tipos de alimentos produzidos nas roças e outros coletados na mata e bebem muita chicha⁶, expressando um dinâmico universo mítico e social dessa cultura rica e resistente.

O ciclo de festas é um conjunto de rituais que articulam a sociedade Rikbaktsa e intensifica os momentos de troca entre os grupos. O som das flautas e o entrelaçado de fios de embira (espécie de cipó), que seguram as penas dos cocares sofisticados que revelam para eles mais que a beleza, é algo que une o modo de ser Rikbaktsa à natureza.

⁶ **CHICHA:** Tipo de bebida ou sopa fermentada de recursos como a banana, milho, batatas e cará (entre outros) que as populações indígenas consomem. No caso de outras „etnias a Chicha é fermentada a ponto de tornar-se uma bebida alcoólica. Já entre os Rikbaktsa não há evidências de que a fermentação ocorra até esse ponto (ARRUDA, 1999, p.18).

4.2. RITUAL PARA A DERRUBADA

Os processos de reordenação sócio-cultural decorrentes da ligação da vida Rikbaktsa com atividades mais tradicionais voltadas para a produção da vida material e social estão ligados e articulados aos ritmos impostos pela natureza, celebrados pelo ciclo de rituais culturalmente elaborados (ARRUDA, 2006).

Os rituais indígenas variam de etnia para etnia, mas sempre encantam pela força e originalidade das danças e cantos. Quando inicia a época da seca, entre maio e junho, é tempo deles fazerem as derrubadas. Antigamente quem decidia fazer uma festa de derrubada devia falar com os parentes para obter mais apoio e depois falava com os homens mais velhos da aldeia, para saber se estavam de acordo. Atualmente é o cacique que decide à hora e o local de se fazer as derrubadas, eles convidam todas as aldeias para participar.

Algumas aldeias não praticam os rituais para a derrubada anualmente, mas na Aldeia Primavera faz parte do calendário anual. Os rituais realizados têm a participação de todos os parentes, mantendo uma união entre eles. Essas festas servem também para os mais jovens observem e aprendam como se faz os preparativos, ouvem os cantos, as flautas, tentam tocar se quiserem depois que são afinadas no rodeio.

O dono da festa deve conhecer as tradições, os cantos, as músicas de flauta, os mitos, as pinturas. Deve ser capaz de fazer uma roça e responsabilizarem-se por todos os preparativos, tudo de acordo com a tradição, nos mínimos detalhes. Se errar, os participantes zombam e dizem que ele traz azar para todos e a festa não continua.

As festas são preparadas com antecedências. O dono da festa organiza seus parentes e os outros homens da aldeia em grupos e vão caçar pescar e coletar taboca para fazer as flautas, as mulheres junto com a esposa do dono da festa colhem batata, mandioca, frutas no mato, castanha e preparam muita chicha e mingau de castanha.

Quando está tudo pronto o dono da festa vai pessoalmente às outras aldeias avisar o dia da derrubada. Os convidados chegam um dia antes da derrubada, às mulheres e crianças ficam na casa de parentes e os homens dormem no rodeio. No

dia que acontece a derrubada. As flautas são preparadas e afinadas por um homem e seu ajudante e em seguida testadas pelos outros. Ficam no rodeio ensaiando, conversando e dando risada.

É a ocasião em que os jovens que não sabem tocar direito vão tentando aprender. Na festa da seca, usam conjuntos de quatro flautas longas feitas de taboca, com um flautim de bambu pequeno e fino preso por dentro, enfiado no gomo perfurado do bambu grosso. Cada uma produz um som diferente, as flautas alternam-se num diálogo que compõe melodias tradicionalmente definidas, referentes a muitos animais que compõem a fauna de suas terras.

Quando todos dormem, o dono da festa levanta e vai ao terreiro e começa um canto que vai até o amanhecer. Nesse canto, que é diferente para cada metade de parentesco, falando dos antepassados e de seus sonhos. Na mesma ocasião as pessoas recebem nome, pelo dono da festa, depois de liberado pelos parentes do nomeado e pelos mais velhos. Perto do amanhecer o cantador começa a dizer a cada convidado a árvore que deve derrubar organizando o jeito do trabalho que vai ser feito.

De manhã, todos levantam bem cedo e agacham do lado de uma fogueira para se esquentar, afiam mais uma vez os machados, vão para o lugar do trabalho atrás do dono da festa que carrega a buzina da derrubada, tocando a cada árvore maior que tomba. Param para beber chichas variadas, comer caça e peixe moqueados, que a mulher do dono da roça e as suas ajudantes trazem para a derrubada por volta das 9 horas. Depois continua o trabalho até terminar a derrubada, por volta do meio dia.

Voltam para aldeia e o dono da festa vê se o mingau ficou bom. Ele pede silêncio, se enfeita com colares e pintura de sua metade, aí distribui o mingau acompanhado de chicha para todos. Em seguida, os homens vão dançar.

Formam grupos de quatro pessoas, cada um com uma flauta e um chocalho de sementes secas de pequi enrolado no tornozelo direito, que acompanham as melodias, batendo forte o pé no chão. Começam fora da maloca, depois entram nas casas e ficam dançando lá dentro, a casa do dono da roça é a última a ser praticada a dança.

Param para tomar chicha e continuam novamente até que toda a chicha se acabe ou os homens não agüentem mais tomar. Quando sobra chicha, as mulheres também dançam. Pintam as faces, vestem a arte plumária de seus maridos, tocam suas flautas e dançam, parando para tomar chicha, até que ela acabe.

Uma das festas mais importante para os Rikbaktsa é a da chuva, que é feita pelos mesmos que fizeram a festa de derrubada na época da seca, começando em janeiro com a festa do milho verde, praticando vários rituais até chegar à festa do mingau, por volta de abril/maio.



Figura 9: Os Rikbaktsa na Aldeia Primavera com trajes e flautas para Ritual
Fonte: COSTA, E V (2008)

Suas canções tradicionais apropriadas são tocadas em todas as festas, a figura 9 mostra os trajes e as flautas utilizadas para os rituais em um encontro social na Aldeia Primavera em 1998, esses rituais de festas constituem um conjunto que encadeia e articula a sociedade Rikbaktsa em seus mais variados aspectos, demonstrando o conjunto de atividades de sua vida sócio-cultural.

5. CONCLUSÃO

O povo indígena Rikbaktsa da Aldeia Primavera encontra-se em processo de reafirmação cultural, mantendo suas tradições agrícolas e os rituais tradicionais, mesmo após o contato com o não índio, a agricultura é praticada de forma tradicional sem a inserção de insumos agrícolas, sendo acompanhada anualmente pelos rituais que fazem parte do seu calendário.

Ao longo do tempo algumas ferramentas foram introduzidas como o facão, a foice, o machado, o motosserra, o cutelo, a matraca e a enxada, facilitando o trabalho e o tempo dedicado à agricultura.

As roças não têm uma característica específica de localização para serem feitas, o cacique juntamente com a comunidade decidem o local apropriado. Algumas das roças são feitas perto das casas chegando a 300 metros e outras em distancias bem maiores. O mesmo acontece com a organização espacial de representação das casas que não tem uma característica específica dentro do espaço antropológico Rikbaktsa, sendo construídas aleatoriamente e não como MAUSS (2001), descreve que ao entrar em uma comunidade indígena se localiza as fratrias e os clãs pela suas características espaciais de representação, sendo que as moradias são todas em um modelo padronizado e específico dentro da comunidade, em todas as aldeias.

A produção agrícola é totalmente voltada para a subsistência das famílias sem nenhum fim lucrativo, plantando alimentos como o arroz, o feijão, o milho, o inhame, o cará, a mandioca, a banana, o abacaxi, a cana de açúcar e a abóbora, esses alimentos são cultivados por eles há décadas.

Os rituais e as práticas agrícolas são repassados oralmente para as novas gerações da comunidade assim como a conscientização ambiental, principalmente na reutilização dos antigos roçados, mantendo assim um ambiente equilibrado.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998. 110 p.

ARRUDA, R. N. C. **Currículo Rikbaktsa**. 1ª Ed. Juína MT: Equipe CIMI-2003.

ARRUDA, R. S. V. **Rikbaktsa: Atividades econômicas**. In: ISA. Povos indígenas do Brasil. São Paulo. Disponível em: <WWW.socioambiental.org.>. Acesso em: 25 maio. 2010.

_____. **Rikbaktsa: localização e história do contato**. In: ISA. Povos indígenas do Brasil. São Paulo. Disponível em: <WWW.socioambiental.org.>. Acesso em: 22 abr. 2010.

_____. Reflexões sobre cultura, etnicidade e situação de contato. Antropologia. **Boletim do Museu Paranaense**, Belém: 15 (1): 33-90, jul. 1992.

_____. **Rikbaktsa**. Ministério da justiça - O índio. São Paulo. Disponível em: <WWW.portal.mj.gov.br.>. Acesso em: 24 mai. 2010.

ATHILA, A. R. **Arriscando corpos: permeabilidade, alteridade e as formas de socialidade entre os Rikbaktsa (Macro-Jê) do Sudoeste Amazônico**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:<WWW.teses.ufrj.br.>. Acesso em: 14 mai. 2010.

DUARTE, D. H. **Metafísica: "O não-ser, e o Ser"**. Manaus/AM,2010. Disponível em:<WWW.mundodosfilosofos.com.br.>. Acesso em: 25 maio. 2010.

EMBRAPA. **Tecnologias de Produção de Soja**. Disponível em:<WWW.cnpso.embrapa.br.>. Acesso em 16 set. 2010.

FANTINI, A. C. **Roça-de-toco: uso de recursos florestais e dinâmica da paisagem rural no litoral de Santa Catarina**. Santa Catarina, 2007. Disponível em: <WWW.npft.ufsc.br.>. Acesso em: 24 jun. 2010.

FARALDO, M. I. F. **Variabilidade genética de etnovarietades de mandioca em regiões geográficas do Brasil**. São Paulo, 1999. Disponível em: <WWW.scielo.br.>. Acesso em: 13 mai. 2010.

GERA/UFMT. **Diagnóstico Socioambiental das Terras Indígenas do Noroeste de Mato Grosso**. Cuiabá/MT, maio de 2004. Disponível em: <WWW.picnoroeste.com.br>. Acesso em: 20 jul. 2006.

LOPES, M. L, **SOB A SOMBRA DO CARVALHO**: a espacialização do imaginário neodruidico na metrópole paulistana, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP.

MARQUES, C. T. S. **A Agricultura do Povo Tupinambá de Serra do Padeiro, Buerarema- Bahia**. Rev. Bras. de Agroecologia, nov. 2009 Vol. 4 No. 2.

MAUSS, M. **Algumas formas primitivas de classificação** - contribuição para o estudo das representações coletivas. 2ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MELATTI, J. C. **Nominadores e genitores**: um aspecto do dualismo Krahó. In: Schaden, E. (org). Leituras de Etnologia Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

OLIVEIRA, P. E. O surgimento da Agricultura possibilita o desenvolvimento das civilizações. **História da Civilização – Parte II**. Bragança Paulista, 22 Jan. 2010, p.5.

PACINI, A. **Pacificar: relações interétnicas e territorialização dos Rikbaktsa**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1999, p. 261.

PIRES, P. W. L. **Rikbaktsa: um estudo de parentesco e organização social**. São Paulo/SP, 2009. Disponível em: < www.teses.usp.br.> Acesso em: 20, junho, 2010.

SANTILLI, J. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. 1ª ed. Brasília: Editora Peirópolis. 1º out. 2001.

SCHULTZ, H. Informações etnográficas sobre os Erigpagtsá (Canoeiros) do Alto Juruena. **Revista do Museu Paulista São Paulo**, V.(15): 213-314, 1964.

SOUZA. F. I. **Organização social dos povos indígenas e sua influencia na estrutura de mercado de Castanha-do-brasil**: o caso da comunidade indígena Rikbaktsa 2008. Disponível em: <WWW.sober.org.br.>. Acesso em: 16 abr. 2010.

SÓCIO AMBIENTAL - **Mapa da localização das Três TI** Disponível em:<http://pib.socioambiental.org/caracterizacao.php?id_arp=3657>. Acesso em 24 set. 2009.

Localização Aldeia Primavera. Disponível em:<[Google Earth](#)>. Acesso em 03 de jun. 2010.

A dimensão dos clãs: Disponível em:<www.portal.mj.gov.br.>. Acesso em: 24 maio, 2010.